

Vozes a Ressoar: potencializando a experiência musical de estudantes de Pedagogia

Comunicação

GTE 06: Educação Musical em cursos de Pedagogia: pesquisas e práticas

Wasti Silvério Ciszewski Henriques

Colégio Pedro II

wasti.henriques.1@cp2.edu.br

Resumo: Esta comunicação se constitui como um relato de experiência de uma das ações do projeto de pós-doutorado “Corpos em movimento e vozes que ressoam: a música como espaço de encontro transformador na formação docente”, no âmbito da disciplina “Música, Infância e Educação”, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). São apresentados os percursos trilhados na disciplina, a construção coletiva da performance “Pelo canto: Corpo, voz e movimento na formação docente” e as apresentações realizadas na “Semana de Educação da Universidade da UNIRIO” e na escola municipal Shakespeare. O trabalho é baseado em uma proposta rizomática que construa uma rede de sentidos, uma educação democrática, crítica e libertadora e na compreensão da música como espaço de encontro transformador na formação docente. Em diálogo com as narrativas trazidas pelas estudantes de pedagogia a partir da experiência vivida, são trazidas reflexões acerca da importância de uma formação musical do pedagogo baseada na experiência musical, no uso expressivo do corpo-voz e de práticas pedagógico-musicais significativas, democráticas e afetivas.

Palavras-chave: Pedagogia; Voz; Formação Docente.

Introdução

No presente trabalho apresentamos um recorte do estudo de pós-doutorado intitulado “Corpos em movimento e vozes que ressoam: a música como espaço de encontro transformador na formação docente”, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob supervisão da professora Dra. Adrianne Ogêda Guedes.

A pesquisa está vinculada ao projeto FAPERJ¹ cujo título é “O ethos do cuidado na formação docente: potencializando o corpo, o movimento e a arte como dispositivos do

¹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

sensível”. Constituída como uma pesquisa-formação (Longarezzi; Silva, 2013), o projeto tem como objetivo principal

investigar os modos pelos quais as experiências estético-artísticas podem se constituir como dispositivos potentes à ampliação das sensibilidades, fortalecimento dos laços de coletividade, incremento da potência criativa, compondo um *ethos* de cuidado no campo da formação docente. É parte deste objetivo geral elaborar proposições formativas sustentadas nos princípios do cuidado e da educação estética/sensível (Guedes, 2023, p. 8).

Para esta comunicação, optamos por trazer um relato de experiência de uma das ações do referido projeto, que diz respeito à formação estética/musical dos estudantes de Pedagogia da UNIRIO, no âmbito da disciplina “Música, Infância e Educação”. Foram apresentados o percurso trilhado nos encontros, a construção coletiva de uma performance, as apresentações realizadas e as narrativas das estudantes² a partir da experiência vivida. No texto são trazidos diálogos e reflexões com base em uma educação musical democrática e humanizadora.

Disciplina “Música, Infância e Educação”

O espaço para a música nos currículos dos cursos de Pedagogia ainda é muito restrito no Brasil, sendo, muitas vezes, ofertada dentro de um componente Arte polivalente. Segundo estudo realizado por Carvalho e Ramalho (2020), “apenas 11% das universidades públicas do país apresentam pelo menos uma disciplina de música, não polivalente, em suas grades curriculares” (p. 90).

No currículo do curso de Pedagogia da UNIRIO há duas disciplinas na qual a arte é contemplada: Arte e Educação e Corpo e Movimento. No ano de 2025, em que se desenvolveu a pesquisa, não havia oferta de nenhuma disciplina específica da área musical. Surgiu então a proposta de se oferecer a disciplina eletiva “Música, Infância e Educação”.

Ao iniciar uma disciplina procuramos escutar a perspectiva e expectativa dos estudantes, a fim de que o curso seja feito de acordo com o perfil do grupo e que o currículo possa ser construído em parceria com eles.

² Cabe ressaltar que a pesquisa foi realizada com consentimentos dos estudantes, com preenchimento do TCLA (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

São destacadas aqui a fala de duas estudantes³, as quais ressaltam a importância da música na infância e da ampliação de repertório:

Eu gosto muito de música e eu acho que música é muito importante pra educação, especificamente, na Educação Infantil. Eu não consigo pensar em Educação Infantil sem pensar em música, ciranda, brincadeira de roda, criar instrumentos. Todo tipo de prática que você consegue pensar na Educação Infantil tem muita música. Eu sempre gostei de criança (Isabelle⁴).

[...] o mundo é muito musical e as crianças são muito musicais. A gente sempre quer repertório também, tanto para a Educação Básica, como para as aulas do teatro que eu dou. Eu estou sempre buscando repertório para poder ir inovando com coisas novas. E você traz essas coisas que às vezes não são novas, mas que a gente não teve acesso no passado também (Bárbara).

A estudante Vitória destacou o quanto gosta de música e afirmou que, apesar de ter vínculo afetivo com a música, não se sentia habilitada a fazer música: “[...] eu não canto, nem toco, porém, a minha família é toda musical. Eu sou apreciadora da arte em geral, especialmente da música. Não pratico, mas sou apreciadora e gosto muito”.

Conforme as estudantes trouxeram suas expectativas e trajetórias, fomos enfatizando que a música é para todos e como nesta disciplina teríamos a oportunidade de vivenciar a música em conjunto.

Na disciplina discutimos “Por que música na escola” (Kater, 2012), os gostos musicais das crianças, vivenciamos jogos e brincadeiras cantadas destinadas às crianças da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Também vivenciamos sonoridades indígenas, africanas e tivemos propostas de criação sonora com o próprio corpo, voz e construção de instrumentos musicais. Tivemos, ainda, oportunidade de receber o músico e compositor Ronaldo Cotrim, que apresentou o projeto “Canções do CREIR⁵”, e assistir a um ensaio aberto da “Academia Juvenil da Orquestra Petrobrás Sinfônica”. Foram experiências muito significativas e que permitiram o alargamento das referências musicais do grupo.

Uma das ênfases trazidas na disciplina foi a importância de que elas não apenas apreendessem como trabalhar música com as crianças e novos repertórios, mas, que,

³ A disciplina tinha 12 estudantes do sexo feminino, por isso o uso do pronome feminino.

⁴ Todas participantes da pesquisa optaram por utilizarem seus nomes reais.

⁵ Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II

principalmente, pudessem sentir na própria pele, na própria carne a potência da experiência musical.

Durante esses momentos em que respirávamos juntas, movíamos nosso corpo, jogávamos e cantávamos juntas, eram recorrentes as falas de gratidão por poderem estar ali de corpo inteiro, conectadas com sua própria essência. Nesse sentido, Guedes afirma:

Nosso corpo comunica com seu gestual expressivo, dizendo de nós, de nossos afetos, disponibilidades, estados emocionais. Nosso corpo “traz uma história, uma espécie de memória que está impregnada nos músculos, nos tendões, nos órgãos, no padrão de respiração”. [...] Expandindo as possibilidades de movimento, de disponibilidade corporal para o jogo, a brincadeira, o contato, a troca. Reconduzindo-o para o bem-estar e a criação, aspectos fundamentais para o exercício da docência e da própria humanidade (2018, p. 103).

A cada início de aula destinávamos um tempo específico para cuidar, explorar e encontrar a própria voz. O movimento de cantar em conjunto trazia o encontro entre as vozes, como nos diz Renata Gelamo:

A escuta é encontro com a voz do outro, com a presença do outro em meu próprio corpo. Portanto, não há sentido para a voz se não há quem a escute. Ela se ancora no encontro com o corpo de quem a escuta. A voz do outro encontra meu corpo e me faz mover, move membrana timpânica, move ossículos, move células ciliadas e junto move sentidos. Escuta-corpo como uma dança. Fisiologia-poesia (2018, p. 104).

Ao perceber o envolvimento e entrega das estudantes nas experiências vividas, eis que é lançado um convite, com esperança de que reverberasse em cada uma: “Que tal fazermos uma apresentação musical na “Semana da Educação”? Que tal compartilharmos um pouco das nossas vivências com um público? Em um primeiro momento houve certa apreensão de algumas, empolgação de outras, e, eis que a força do coletivo permitiu a concretização dessa proposta.

Decidimos, então, fazer uma mudança de rota no planejamento inicialmente proposto, afinal, precisaríamos de algumas semanas para elaborar a proposta e ensaiarmos. Adotamos um currículo com abordagem rizomática (Deleuze, Guattari, 1996), propondo um caminho com múltiplas possibilidades de entrada e conexões, transcendendo os modelos lineares e a

fragmentação do conhecimento. Foi um processo aberto, alterável, sempre em construção e que considerou a singularidade do nosso percurso pedagógico.

Daí veio a força da criação coletiva. Começamos a pensar juntas: o que podemos apresentar? A primeira sugestão foi cantarmos a música de Milton Nascimento “Maria, Maria”, já que nosso grupo era formado por doze mulheres que tinham “força, garra, sonho, magia, ...”. A música final estava escolhida. E como poderíamos começar?

Surgiu a ideia de começarmos com o refrão da música “Quero Começar” do Grupo Tiquequê: “*Quero começar, mas não sei por onde. Onde será que o começo se esconde?*”. Cantamos esse refrão com percussão corporal, tanto com um ostinato rítmico como com improvisação de sons corporais, de maneira bem espontânea, característica da música das crianças.

Como a percussão corporal era um trabalho de muito encantamento no grupo, foi lembrada da chuva que fizemos com sons corporais. A chuva começava bem suave, ficava forte e ia parando aos poucos. Foi feito um trabalho com dinâmica e densidade sonora⁶.

Convocados pela sonoridade das águas, pensando na potência das sonoridades africanas e indígenas, decidimos trazer a músicas “Po Hamek⁷” (saudação dos Krenak) e “Funga Alafia” (saudação africana).

Por fim, pensando na força do feminino, decidimos trazer um cânone do arranjo de Edino Krieger da música “Mulher Rendeira”⁸. Decidido o repertório, em grupo, discutimos qual seria a melhor sequência e chegamos à seguinte ordem: (1) Quero começar, (2) Chuva - Percussão Corporal, (3) Po Hamek, (4) Mulher Rendeira e (5) Funga Alafia e (6) Maria, Maria.

O grupo estava muito envolvido com a proposta. A dinâmica de autoavaliação e avaliação processual contou com o recurso de irmos gravando nossas performances a cada encontro e ao nos ouvirmos percebíamos o que precisava ser melhorado. O processo de

⁶ A construção da chuva se deu assim: estalos de dedos, dois dedos batendo nas palmas das mãos, punho fechado batendo as costas das mãos na palma, palma estrela (uma palma mais aguda), pés batendo forte e ao mesmo tempo no chão (trovão), palma estrela, punho fechado batendo as costas das mãos na palma, dois dedos batendo nas palmas das mãos, estalos de dedos e aos poucos a chuva ia parando.

⁷ No site <https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/po-hamek/> é possível encontrar o áudio, partitura e contexto desta música.

⁸ No site <https://www.cantarmais.pt/pt/cancoes/mundo/cancao/funga-alafia> pode-se encontrar a partitura dessa música.

conhecermos a própria voz foi muito significativo. Ao ouvirmos a gravação era bonito ver os olhos brilhando, sorrisos surgindo e uma reconhecimento de que “*sim! Eu posso cantar*”. Como afirma Gelamo (2018), a gravação é um processo de conhecer a si mesmo e se observar. Ela afirma:

A voz própria é invenção, não está pronta: vai mudando conforme nós também vamos mudando; pode ganhar novas sonoridades à medida em que nós nos tornamos mais permeáveis à escuta, no encontro com outras vozes. É voz para narrar experiência, para narrar a si mesmo, é voz para ensaiar o sentido da própria vida. (2018, p. 128)

Foi sempre dada muita abertura para que as estudantes trouxessem suas ideias e contribuições. Foi assim que uma das estudantes, Bárbara Moraes, que é atriz, se sentiu movida a trazer uma costura poética para cada música. Segue o texto escrito por ela:

Figura 1: Pelo Canto: Corpo, voz e movimento na formação docente

PELO CANTO: CORPO, VOZ E MOVIMENTO NA FORMAÇÃO DOCENTE:

Introdução: Todas entram aos poucos pela plateia sussurrando a música “**Quero começar**” e vão aumentando gradualmente até se tornar um coro dançante.

Intérprete 1: *Tudo é começo, até no fim estamos prestes a nos reinventar, o que move a existência, as histórias e os olhares... é o curso que tomamos. Tenho alma de água, cada dia sou uma, faço as curvas dos rios e deságua com a força de uma cachoeira, mato a sede de vida e faço ondas de memória... e no fim sou chuva... pra recomençar.*

Sons de Chuva graduais são feitos por todas.

Intérprete 2: *Meus pés, minhas mãos... todos banhados de vida. Eu sou natureza também, tudo que toco dança comigo.*

Todas cantam “**Pô Hamek**” (indígena).

Intérprete 3 e 4 se sentam com uma renda na mão.

Intérprete 3: *Já te contaram sobre costurar uma comunidade? Bordar afetos, ~~crochetar~~ sonhos e remendar memórias...*

Intérprete 4: *Dizem que a música tem esse poder, cantamos para lembrar e sermos lembradas, talvez sejamos rendas de vivências...*

Intérprete 3: *Talvez cantar seja como rendar*

Todas cantam “**Mulher rendeira**”

Intérprete 5- *Hoje, Saúdo todas as que vieram antes de mim, todas as que estão ao meu lado e as que virão. Com meus pensamentos, minhas palavras e o meu coração...*

Todas cantam “**Funga Aláfia**” saudando umas as outras.

Intérprete 6: *Meu corpo exala potência em cada instância, sou tudo isso que acabaram de presenciar: começo, chuva, natureza, renda, saudação... sou quem está ao meu lado. Se canto só, sou poesia, se canto junto, sou Potência.*

Todas: *Potência.*

Fonte: Texto de Bárbara Moraes

Nos ensaios a proposta foi ganhando forma, cada estudante foi se incluindo em uma função e fomos escolhendo instrumentos que pudessem enriquecer a sonoridade, tanto das músicas como das partes faladas: kalimba, pau-de-chuva, chocalhos, maracas,

Chegou então o dia da abertura da Semana de Educação da UNIRIO e foi apresentada a performance “Pelo canto: Corpo, voz e movimento na formação docente”. Explicamos ao público que a proposta foi resultado de uma criação coletiva inspirada nos diversos repertórios que ressoaram em nós nas aulas de “Música, Infância e Educação”, nas quais foram experienciadas múltiplas possibilidades com nosso corpo-voz e percebemos que, sim, poderíamos ressoar nossas vozes. Destacamos, ainda, que era a primeira vez que muitas subiam ao palco e pedimos ao público acolhimento e generosidade na escuta.

Foi uma experiência muito impactante. O público recebeu com muito afeto e entusiasmo a performance das estudantes de Pedagogia, o que deixou o grupo repleto de vida.

Após a experiência tão significativa, uma das estudantes relatou que uma professora de uma escola municipal da região onde estagiava havia assistido à apresentação e convidou o grupo a realizar uma apresentação musical para estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental onde atua. Recebemos com muita alegria o convite e pudemos transcender os muros da universidade e fazer música para e com as crianças da escola pública. Ver as crianças sorrindo, percutindo seus corpos e cantando conosco teve um sentido muito profundo.

Essa experiência trouxe a reflexão acerca da valorização do desenvolvimento pessoal, da qualidade da presença e da importância de se criar espaço para diálogos musicais com as crianças durante as interações artísticas, conforme afirma Rodrigues⁹ et. al:

Acredito que estas experiências são aquelas que tiram educadores e alunos do chão e permitem que eles se conectem com o transcendente, que só a arte pode evocar. A contemplação e a fruição artística oferecem possibilidades de transformação individual e de ritualização coletiva que fazem parte do desenvolvimento humano integral, tendo um papel insubstituível na construção de uma comunidade. São criadoras e

⁹ A citação trazida diz respeito à ao projeto Germlnarte, da Companhia de Música Teatral, Portugal, projeto inspirador no que se refere à criação de arte para infância

mediadoras de conexões a que nenhuma outra experiência humana dá acesso (2017, p. 427).

Vozes que ressoam e reverberam: reflexões das estudantes de Pedagogia

A partir das narrativas trazidas pelas estudantes que fizeram parte desta experiência, organizamos as falas compartilhadas nos três seguintes tópicos:

(a) Ser corpo, ser voz: música como potência de conexão e de vida

Um ponto presente nas reflexões das estudantes foi o quanto em meio à uma sociedade hiper conectada e ao esgotamento dos corpos (Patzforf, 2021) a experiência de viver uma experiência artística trouxe leveza. Nesse sentido, Keyla destacou:

Eu achei a disciplina assim muita gostosa. É tão bom ter essa disciplina na semana que assim, tá tudo bem. Sabe? Ok. Vamos fazer essa disciplina delícia. E é importante isso, porque de uma forma leve, de uma forma gostosa, sabe? Dá um olhar próximo e apaixonante pra educação. (Keyla)

Raquel ressaltou o quanto a imersão nas propostas a desconectavam da realidade, o que se pode relacionar ao pensamento de Lydia Hortélio quando afirma que “Para aprender a brincar, é preciso, em primeiro lugar, não querer brincar. Não pense em querer nada. Você está à toa na vida e, de repente, um gesto lhe chama e você se esquece de você, você entra no brinquedo. É um mistério” (2020).

Eu acho que nas aulas, diferente de algumas outras, quando a gente fazia as brincadeiras, a gente se envolvia tanto que a gente se esquecia um pouco do que [estava] do lado de fora. [...] porque às vezes a gente está lá assistindo a aula, está interessante, mas a gente está pensando, tenho que chegar em casa e fazer a monografia, tem que ir pro estágio,... ai, será que vai dar tempo? Será que eu leio dentro do ônibus? Não. O que ele falou agora? Eu tenho que anotar. Você está ali pensando em mil coisas ao mesmo tempo e nessa disciplina não. Eu simplesmente esqueci o que estava do lado de fora e vivi ali, porque movimenta tudo dentro da gente: a concentração, o corpo, [...] então você sai da aula, tipo, respirou um pouco... parou um pouco de ficar naquela aceleração toda. Não sei. Pelo menos foi o que eu senti. Não sei se as meninas também sentiram isso¹⁰. (Raquel)

¹⁰ Neste momento demais estudantes concordaram com gestos corporais.

Frente à sociedade do cansaço, a perspectiva que as estudantes trouxeram da importância da pausa, do tempo de interrupção trazidas pela arte, encontra eco no pensamento de Larrosa:

Um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, e escutar mais devagar; demorar-se nos detalhes, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2014, p. 25)

Ingrid também afirmou o quanto fazer música em conjunto foi um ponto de fortalecimento da conexão entre o grupo.

Eu nunca tive uma disciplina assim na faculdade. [...] primeiro que eu nunca conheci todo mundo numa turma na faculdade. Nunca falei assim com as pessoas como a gente faz. E é isso. Acho que a primeira turma que eu sei o nome de todo mundo[...]. Acho que foi um processo muito gostoso em vários aspectos. Dentro de sala de aula a gente construiu uma coisa que foi muito especial. Eu sinto, como eu disse, que eu nunca tive com nenhuma outra turma, e, em paralelo, esse resultado que a gente viu hoje¹¹. [...] a gente se atravessou enquanto rede, uma foi ajudando a outra, e a gente foi compartilhando os nossos saberes e, aí, ao mesmo tempo, a gente estava fazendo tudo isso pra ver isso na prática como a Bárbara estava falando. E ver isso funcionando. Acho que foi muito bonito. (Ingrid)

Neste momento, pudemos também ressaltar o quanto foi bonito ver que algumas das meninas se permitiram romper sua timidez enquanto outras, que se expressavam com mais facilidade, compartilharam sua arte com generosidade, literalmente, dando as mãos umas para as outras. Destacamos também o quanto duas estudantes que são atrizes trouxeram potência para o grupo, o que foi trazendo uma força coletiva, conforme afirmou Ingrid.

¹¹ As estudantes se referem à “hoje”, porque fizemos uma roda de conversa logo após a apresentação na escola pública.

(b) O ser professor transformado pela relação com as crianças

Um aspecto muito significativo para as estudantes foi a experiência que vivemos de poder transcender os muros da escola e fazer música para e com as crianças da Escola Municipal Shakespeare.

Isabelle destacou o quanto a experiência foi impactante para ela:

eu acho que um dos pontos altos dessa disciplina, realmente, foi conseguir apresentar numa escola e ver o impacto que, a gente discute na teoria da disciplina, [...] a gente ver eles participando, abraçando a gente depois da apresentação dizendo que gostaram foi a coisa mais linda do mundo. (Isabelle)

A estudante Bárbara destacou a potência da conexão uns com os outros e com as crianças:

[...] foi muito especial mesmo hoje¹² [...] porque quando a gente [estava] lá no palco, a gente se olhou bastante, o que foi muito importante, porque foi uma conexão nossa, e aí foi lindo por causa disso. Foi lindo porque a gente se conectou. E a gente fez pela gente. Mas hoje a gente estava conectado com as crianças e olhando pra elas, olhando as reações, reparando em tudo e se emocionando com elas. E, realmente, foi o fechamento perfeito. (Bárbara)

Isabelle também fala de como o viés experiencial da disciplina fez sentido para ela:

[...] às vezes você não consegue transportar bem a ideia da pedagogia pra prática da pedagogia, do chão da escola, mas, você tem aqueles momentos bem lúdicos que conectam você com a profissão de professor. Tipo a sua aula é o exemplo perfeito, porque literalmente a gente viu na sala de aula o que já gente [está] apreendendo toda semana aprendendo coisas novas sobre como praticar música de maneira a engajar os alunos e a gente acabou de praticarmos engajar os alunos. Então é bom ter esses momentos que você consegue se conectar com a prática da profissão de professor e o que significa ser professor. O que significa [estar] lá, se conectar com os alunos, chamar elas pra refletirem com você e a arte acho que a ferramenta perfeita pra esse tipo de coisa, a música. (Isabelle)

Luisa também afirmou o quanto a conexão com as crianças foi importante para ela: “No meu último período ter uma disciplina assim foi bom. [...] E aí, não só as aulas, mas hoje

também foi muito bom, me desconectar um pouco daquilo lá fora e me conectar um pouco com as crianças”. Caroline trouxe o quanto as experiências vivenciadas têm mudado sua prática pedagógica.

Acho que a disciplina foi muito significativa. Até na forma, porque eu já atuo em sala de aula, não sou regente, obviamente, na turma, mas eu sou mediadora de leitura, então eu tenho essa autonomia, essa flexibilidade de poder propor, fazer planejamentos de aulas e tal, a partir da literatura. [...] essa disciplina fez com que eu mudasse um pouco meu percurso, assim, a minha atuação. E aí eu tenho levado muito mais propostas muito mais lúdicas, que que façam com que as crianças se mexam mais. Enfim, eu tenho levado a questão da dança. Eu levei um pouquinho do teatro também, e, eu sinto que isso faz muita diferença. Assim, naquele momento ali em sala de aula, acho que as crianças se envolvem muita mais. E é uma coisa que eu tenho percebido que eu tenho conversado muito com uma amiga minha é que geralmente na escola não cabe esse momento de riso. É sempre “cala a boca, olha pra frente, fica quieto”. E quando a gente leva propostas assim mais abertas, que as crianças conseguem se expressar, não só através da fala, mas também através do corpo, do movimento, muda tudo. Aí até as professoras que inicialmente são mais “carrascas”, assim, em alguns momentos, porque elas querem que fique todo mundo ali quietinho, infleiradinho, enfim, mas com o tempo vai mudando. (Caroline)

Consideramos fundamental a perspectiva trazida por Caroline, que traz a potência do corpo em movimento e da alegria na escola, transcendendo a concepção de disciplina e corpos dóceis (Foucault, 2013).

Entendemos que a experiência vivenciada foi um espaço aberto, “um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (Larrosa, 2014, p. 25).

(c) Um Canto pra Toda Gente

Outro ponto a ser destacado é que, quando estávamos conversando com as estudantes acerca da beleza do processo das estudantes cantarem com tanta entrega, pudemos dizer a elas o quanto cada timbre era belo e como é bonito e importante terem professoras unidocentes que poderão cantar com suas crianças de forma tão expressiva. Neste momento, Caroline chamou a atenção para o fato de elas se sentirem “autorizadas a cantar” em nossos encontros. É um ponto muito impactante, haja vista que ainda existe uma

visão de que a música é destinada apenas aos músicos ou a pessoas “talentosas”. Caroline afirmou:

Você autorizou também a gente a cantar. Quando veio essa proposta da gente apresentar cantando, né? Fazer um coral na semana de educação. Como assim? Eu cantar? Que é isso? Eu sou totalmente desafinada. Como é que eu vou cantar em público assim? Mas, aos poucos, é muito o que vocês falaram, nós fomos construindo isso e foi uma forma de autorizar. Você não precisa ser formada em música pra você cantar. É isso é muito bacana. (Caroline)

Luisa também traz a perspectiva de como se sentiu à vontade no grupo:

Foi um momento realmente de descontração, que todo mundo se sentiu muito à vontade no grupo, isso foi muito especial e a professora também trouxe essa leveza. Acho que também tem isso. Ela se aproximou muito da gente. Saiu um pouco daquele lugar do quem sabe e sentou realmente com a gente, conversou, acreditou. Isso foi legal também. (Luisa)

Considerações finais: Viver a voz-experiência¹³

Consideramos que vivemos uma voz-experiência junto as estudantes da disciplina “Música, Infância e Educação”, na perspectiva de experiência trazida por Larrosa: “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (2002, p. 154).

Percebemos que as estudantes também tiveram “disponibilidade interior – generosidade, harmonia consigo próprio, significado e sentido no trabalho realizado” (Rodrigues et. al, 2017, p. 432), o que é fundamental como marca relacional entre todos os que lidam com a infância.

As experiências vivenciadas permitiram que cada um pudesse construir seu ‘jardim interior’ ao mesmo tempo que este foi ‘polinizado’ pelo interior do jardim dos outros. (Rodrigues et. al, 2015, p. 8). Cada futuro pedagogo, a partir da própria mudança, poderá empreender ações que auxiliem a “*Germinar, Enraizar, Crescer e Frutificar*”¹⁴

¹³ Termo trazido por Renata Gelamo em sua tese de doutorado (2018)

¹⁴ Referência ao Projeto GerminArte (Rodrigues, 2015)

Por fim, reiteramos a defesa de uma educação democrática e de uma formação musical do pedagogo que valorize a experiência estética, na própria carne, na pele, com a própria voz, para além de apenas ensinar novos repertórios pedagógico-musicais. Defendemos que haja espaço nos currículos de pedagogia para experiências estéticas que nos permitam brincar, cantar, fazer música em conjunto, conectar-se consigo próprio, com os outros, e com as crianças por meio da música.

Referências

CARVALHO, Anderson Carmo; RAMALHO, Celso Garcia de Araújo. A atualidade da música nos cursos de pedagogia no Brasil. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, v. 16 n. 2, 2020, p. 74-101. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/14124>.

Acesso em: 15 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. [Trad.] Raquel Ramallete. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GELAMO, Renata. *Narrar a voz: trajetórias de uma voz-experiência em busca da voz própria*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Artes / UNESP, 2018. Tese. (Doutorado em Artes Cênicas).

GUEDES, Adriane Ogêda. Sem tempo de ser corpo: uma experiência da formação de professores. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 23, p. 97-105, 2018.

GUEDES, Adriane Ogêda. *O ethos do cuidado na formação docente: potencializando o corpo, o movimento e a arte como dispositivos do sensível*. Projeto FAPERJ. 2023.

HORTÉLIO, Lydia. Lydia Hortélio e a brincadeira musicada. Disponível em: <http://institutotear.org.br/lydia-hortelio-e-a-brincadeira-musicada/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

KATER, Carlos. "Por que música na escola?": algumas reflexões. In: JORDÃO, Gisele. Et al. (Coord.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações / MinC /3D3, 2012. p.42-45. Disponível em:

<<https://www.amusicanaescola.com.br/pdf/AMUSICANAESCOLA.pdf>> Acesso em 15.jul.2025.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> .

Acesso em: 15.jul.2025.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. *Revista Contrapontos*, v. 13, n. 3, p. 214- 225, 2013. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/4390>. Acesso em: 12 jul. 2025.

PATZDORF, Danilo. *Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados*. 2021.

Disponível em:

https://www.academia.edu/52447603/PEQUENO_MANUAL_DE_AUTOUIDADO_PARA_CORPOS_ESGOTADOS. Acesso em: 12 jul. 2025.

RODRIGUES, Helena, RODRIGUES, Paulo & RODRIGUES, Paulo. Visão e perspectivas do projecto GermlnArte: A qualificação de recursos humanos e profissionais nos cuidados prestados na infância como alicerce para o desenvolvimento social e humano. In Ferreira, M. P. & Cascudo, T. (coord.), *Música e História: Estudos em Homenagem a Manuel Carlos de Brito* (pp. 423 – 439). Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade Nova de Lisboa: Edições Colibri, 2017.